

## Quando amamos

Katia Judith Goldberg Lohn\*

Benito Jr., E. *A Oferta de Afrodite*. Campinas, SP: Komedi, 2004. 400 p.

O título *A Oferta de Afrodite* faz referência ao julgamento de Páris na mitologia grega. No casamento de Peleu e Tétis, a deusa Éris não fora convidada. Irritada, ela envia ao evento uma maçã de ouro, na qual se podia ler a inscrição “Para a mais bela”. Três deusas, Hera, Atena e Afrodite, se apresentam, cada qual como sendo a destinatária da maçã. Zeus indica Páris, um mortal, para escolher qual das três seria efetivamente eleita. Cada uma das deusas oferece uma retribuição ao herói para o caso de ser a selecionada. Hera lhe daria os tronos da Ásia e da Europa, simbolizando bens materiais. Atena o tornaria sábio, dando-lhe o poder da razão. Afrodite lhe oferece o amor da mais bela mulher do mundo, Helena.

O autor, a partir dos elementos psíquicos deste mito, nos convida a acompanhar e a nos envolver na história particular de cada um dos seus personagens e nas oportunidades de amor e paixão que a vida lhes traz. Apresenta a complexidade e a ambiguidade dos sentimentos que os levam a fazer escolhas. A essência do livro é o porquê destas escolhas. As trajetórias destes personagens se entrecruzam num embate das diferentes formas de lidar com os afetos, com as possibilidades de amor e de uma vida plena, escolhendo se vincular ou roubar o sentido da própria existência. São diferentes percursos na busca da essência do que os faz se sentirem vivos ou, num conceito de Winnicott, a construção de um *Self* verdadeiro.

Muita arte permeia o texto. O cenário é a Toscana, centro do Renascimento, movimento artístico que adota uma nova atitude perante a vida. O artista recupera o passado clássico, valoriza o homem, a investigação e a mobilidade. O que era estático na superfície plana da tela passa a ter tridimensionalidade com a nova técnica de perspectiva. O contato com a arte atinge os personagens lançando-os numa nova perspectiva interna. Isto lhes permite um resgate do passado e um novo olhar para o momento atual, fundamental para que ampliem a capacidade de fazerem vínculos.

O interior de São Paulo também é visitado, associado à origem de alguns dos personagens, fazendo uma ponte da vida destes com o que os leva a trilhar um caminho à margem de Afrodite, escolhendo o que atende ao desejo do outro e se afastando de seus pró-

\* Psicóloga pela USP e psicanalista pelo Instituto Sedes Sapientiae.

prios desejos. Segundo Winnicott (1960/1983), a espontaneidade é decorrência do *Self* verdadeiro e está intimamente ligada ao sentimento de ter existência própria. Acompanhamos o desenvolvimento e as tentativas de resgate da espontaneidade dos personagens.

O personagem central é Zé Pedro, apaixonado pela arte, em especial pelo Renascimento. Professor de História da Arte, ele carrega uma história pessoal de rejeição e a sensação de que não é possível ter prazer com tantas obrigações que assume. Resolve estudar muito deixando outros projetos para outro momento de sua vida. Um copo vazio de vinho lhe dá a chance para conhecer Mariana. Em Florença sua identificação com Botticelli e Leonardo da Vinci pautam seu caminho, seu olhar e algumas decisões que toma.

Bollas (1992) denominou de “momento estético” um momento de comunicação subjetiva profunda com o objeto. Essa experiência seria registrada mais no ser do que na mente porque expressa uma experiência de comunicação primordial com o outro num nível pré-verbal. E é essa qualidade de experiência que acompanhamos na vida do personagem.

Zé Pedro vive em função das demandas externas, difíceis de serem continuamente sustentadas, e com grande prejuízo de sua capacidade de espontaneidade e de um contato mais profundo com sua instintividade e impulsividade. Um convite para um trabalho de consultoria de arte o faz sentir-se realmente importante, trazendo mudanças na sua vida. A atividade para a qual é contratado é ilícita. O desejo de correr riscos de falsificar a realidade o faz entrar em contato com o verdadeiro desejo de ser outro e é com a escória que consegue ser sincero. Num segundo momento, Zé Pedro precisa trilhar o caminho de reparar o mal causado a outros e, principalmente, a si próprio, através da construção de um verdadeiro *Self* capaz de dar sustentação à sua existência psíquica.

Sua futura namorada Mariana é apresentada com uma sensualidade profunda e sutil. É uma moça que se esforçou muito para sair da cidade pequena, estudar e ser reconhecida profissionalmente. Ela inicia o relacionamento com Zé Pedro a partir de uma lógica racionalizante e distante de seus impulsos para o desenvolvimento de um amor visceral.

Mamma Lucia é proprietária do apartamento onde Zé Pedro mora. É viúva e não tem filhos. Sente muita falta do companheiro falecido, mas isso não a impede de amar os amigos, os familiares, o vinho e celebrar a vida. Sabe que o amor está nas pequenas coisas do cotidiano, e que respeito e molho de tomate benfeito abrem o coração e nos sensibilizam como a arte. Ela

representa a mãe suficientemente boa, dotada de capacidade de devoção, pré-condição para que um desenvolvimento saudável possa acontecer. Favorece que Mariana se vincule a Zé Pedro de maneira autêntica. A cozinha e seus sabores são um espaço potencial que esta mãe zelosa oferece ao casal.

João Filho, psiquiatra, é amigo de Zé Pedro. Ele não pôde usar o sobrenome do pai e cresceu esperando um abraço dele... Tem a marca do abandono e do desamparo gravada no seu psiquismo. Estuda muito, é controlador, e carrega dentro de si um velho sisudo que não o deixa ter prazer, mas que é necessário para fugir do aniquilamento psíquico. Conhece Silvia que é linda e aparentemente livre. Faz uma aposta potencial no amor ao encontrá-la e se surpreende, pois ela enxerga mais dele do que ele mesmo. Apaixona-se por ela, mas não consegue entendê-la. Sente-se refém da ausência do outro. “Uma coisa é suscetível de vínculo, sobretudo quando tem qualquer coisa de si mesmo naquilo que o prende, mesmo porque aquilo que prende impõe seu império por meio de alguma coisa de si.” (Bruno, 2012, p. 35)

Silvia, bióloga molecular, não conhece o mundo da delicadeza e do bem-querer. Possui uma liberdade erótica desconhecida por João Filho. Quer um afeto confortável e sem angústias, e o amor não é confortável. É impulsiva e decide rapidamente por caminhos onde muitas vezes se machuca. Não quer a vida econômica restrita pelo salário da faculdade, quer ter acesso a melhores centros de conhecimento fora do país e precisa de reatuação financeira para este fim. Aceita a oferta de Hera: um pouco de poder material e muita tristeza. Ela anseia ser e espera que no encontro com o outro consiga conquistar a experiência da sua singularidade.

Clotilde é repleta de carências. Tem muita inveja de Mariana. Vive em função do desejo do pai. Casa-se com Walter e forma um casal pautado num acordo de interesses mútuos. Ocupa o lugar da mediocridade, da não-vida, e tenta vampirizar a quem admira. Segundo Mosé, “Jamais possuímos completamente o objeto de nosso desejo, isto produz insatisfação e sofrimento. Somente o sentir pode ser pleno e este se dá no estado estético” (2011, p. 152). Desenvolve a arte de não viver os próprios sentimentos. Tem por companhia a televisão. Congela a situação ambiental de fracasso que viveu e espera que algo mude. O pai/sogro que domina a todos paga um alto preço por sua onipotência.

No final do livro, há um grande momento, e nele estão presentes os três casais, em um jantar inesquecível com um amplo debate sobre o que é o amor e o que nos ata e o que quebra

o vínculo do amor que foi por nós dado. Conforme Giordano Bruno, “Aquele que forma um vínculo não prende o objeto do vínculo facilmente, assim como o general não conquista facilmente uma fortaleza muito bem armada, a menos que a passagem lhe seja aberta de dentro por algum traidor...” (2012, p. 41).

Assim como no *Banquete* de Platão (380 a.C.), também conhecido como *Simpósio*, cada um dos participantes discute sua visão sobre a natureza e as qualidades do amor. Sócrates, antes de falar do bom e do bem do amor, trata de defini-lo. O amor é amor de algo, e este algo só pode ser desejado pela falta. Desejamos o que não temos, sem esta carência não se deseja. O amor não é absoluto, pois é amor de alguma coisa.

Vemos no texto a relação que se estabelece entre quem ama e aquele que é amado. O amor é vínculo e é possível com o desenvolvimento de um verdadeiro *Self*.

Com impressionante honestidade e rigor com os afetos, o autor faz um caminho que causa impacto, prazer e dor. O autor possui habilidade ímpar em comunicar poeticamente a ambivalência e a potência dos vínculos. Escreve pintando sentidos, com cores, sombras, camadas e novas perspectivas assim como os olhares (aflitos) dos pintores do Renascimento italiano que nos acompanham nesse percurso de reclusão e liberdade.

Há uma delicadeza na observação e descrição de nuances de afetos que nos leva de situações hilariantes ao sofrimento e a um erotismo inimaginável. Por que nos colocamos em situações onde o conhecer só serve para nos trair?... E a quem traímos? O autor trata dos vínculos que nos constroem, da natureza humana, e da busca de completude. Podemos pensar no capítulo final do livro como um tributo psicanalítico à discussão filosófica do *Banquete* de Platão.

Quando o leitor distraído perceber, já estará tomando um dos vinhos da Toscana e nem mesmo saberá o porquê. Este livro é para ser desfrutado com a delicadeza da *mousse* de chocolate belga e a potência silvestre do cupuaçu degustada como sobremesa no último jantar do romance.

O autor é filho de Afrodite.



#### REFERÊNCIAS

- Bollas, C. (1992). *A Sombra do objeto; psicanálise do conhecido não pensado*. Rio de Janeiro: Imago.
- Bruno, G. (2012). *Os vínculos – Coleção Bienal*. São Paulo: Hedra.
- Mosé, V. (2011). *O homem que sabe: do homo sapiens à crise da razão*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

Winnicott, D. W. (1983). Teoria do relacionamento paterno – infantil. In D. W. Winnicott. *O ambiente e os processos de maturação*. Porto Alegre: Artes Médicas. (Trabalho original publicado em 1960).

---

**KATIA JUDITH GOLDBERG LOHN**

Rua Ferreira de Araujo, 221, conj. 27

05428-000 – São Paulo – SP

tel.: 11 3026-9188

Kátia@lohn.com.br

RECEBIDO 09.08.2013  
ACEITO 06.12.2013